

O MÉTODO MONOGRÁFICO ROMENO E AS PESQUISAS SOCIOLÓGICAS NO BRASIL *

Roger Bastide

NOTA INTRODUTÓRIA

Num artigo de jornal intitulado "José Lins do Rego, jornalista", Roger Bastide afirma: "Quando se deseja compreender bem um escritor é preciso apanhá-lo em *"robe de chambre"*. Os artigos inspirados pelos acontecimentos do quotidiano, uma leitura, o encontro de um amigo, um sonho diurno ou noturno, revelam a profundidade e a grandeza de um verdadeiro escritor."

O artigo que a seguir vai reproduzido é um dos 506 publicados durante a sua permanência no Brasil (1937-1947). Ao nos informar sobre o método monográfico romeno, excepcionalmente sugestivo, o artigo nos revela ao mesmo tempo a visão sociológica de Roger Bastide. Nesta nota, queremos apenas salientar alguns aspectos característicos da "prática sociológica" do autor. Uma sociologia capaz de unir, na sua exigência, a precisão e a fluidez dos conceitos. Uma sociologia aberta ao diálogo com as outras áreas de conhecimento das ciências sociais e das ciências exatas, e nesse diálogo descobrir o seu verdadeiro papel na sociedade. Uma sociologia que apreenda a realidade social em sua dinâmica própria, mudança / resistência, memória / imaginário, objetivo / subjetivo, sonho e poesia. Uma sociologia que transforma o próprio sociólogo, as comunidades pesquisadas e a pró-

* *O Estado de São Paulo*, de 9.11.39 e 11.11.39.

pria sociedade. A sociologia de Roger Bastide é a *sociologia da vida* e portanto uma sociologia humanizante.

Charles BEYLIER

O prof. Roger Bastide, da Universidade de São Paulo, publicou n' *O Estado de São Paulo* o interessante artigo, que abaixo transcrevemos, com a devida vênia:

“Antes de poder fazer comparações, é necessário possuir boas monografias sociológicas, cientificamente constituídas”. É o que tem sido perfeitamente compreendido no Brasil e é por isso que o seu primeiro sociólogo, Sílvio Romero tentou popularizar aqui, no seu *Brasil social*, o método monográfico de Le Play. Mais tarde, os métodos de pesquisas americanos foram amplamente difundidos. Mas, pensamos que há um método que nos poderia prestar os maiores serviços: o método dos sociólogos romenos, que desejaríamos tornar conhecido do público brasileiro.

A sociologia romena há muito tempo vem hesitando entre vários rumos: a constituição de uma mecânica social com Spiru Haret; o estabelecimento de uma sociologia histórica com Xenopol, e, enfim, o desenvolvimento de uma filosofia social com Seraba. Porém, foi o Dr. Gusti quem, sem desprezar as pesquisas dos seus antecessores, constituiu verdadeiramente a escola romena de sociologia. É a sua obra, assim como a de seus principais discípulos, particularmente de Stahl, que estudaremos agora.

A grande idéia do Dr. Gusti é a de substituir a aplicação do método monográfico em sociologia por uma sociologia monográfica. Atente-se bem: não se trata de uma simples mudança de vocabulário. O método de Le Play, assim como os dos etnólogos e dos folcloristas, etc., são pontos de vista analíticos; a sociologia pretende ser uma visão sintética das realidades sociais; ela é, às vezes, descritiva e explicativa, sistematizadora e integradora. Por conseguinte, o único meio de fazer boa sociologia é estudar as unidades concretas em todas as suas complexidades vivas e, como a Romênia é um país essencialmente agrícola, a unidade escolhida será a vila ou aldeia.

Infelizmente, o trabalho não é fácil, porque somos parte nas sociedades que observamos. Necessitamos, pois, para chegarmos a ser bons observadores libertar-nos dos nossos “partispris” e de nossos preconceitos. Uma técnica é indispensável. E isso tanto mais quanto os fenômenos sociais são diferentes dos

fenômenos físicos; estes se repetem; é fácil fazermos experiências para verificar se não nos enganamos. Os fenômenos sociais, ao contrário, são localizados no espaço e no tempo. É preciso, por isso, tomar muitas precauções para evitar os erros. Não devemos andar muito depressa e acreditar que tudo vimos e compreendemos de relance.

Primeiramente a observação deve ser dupla. É preciso observar os gestos, as atitudes sociais, fazer uma espécie de sociologia do comportamento e isso, segundo as regras bem conhecidas da lógica da observação, que o Dr. Gusti divulga sem acrescentar nada realmente novo. Porém, carece ao mesmo tempo, compreender os motivos que determinaram esses gestos, conhecer as interpretações que os homens lhes dão e constituir assim uma espécie de sociologia subjetiva das representações coletivas. Uma idéia análoga se encontra nas pesquisas monográficas das vilas que Leopold von Wiese iniciara na Alemanha antes de ser exilado, há alguns anos. Haverá então, duas sociologias superpostas: uma, objetiva, construída pelo sábio, sob a sua responsabilidade e outra, psíquica, que mostra como a vila se julga a si mesma, que nos indica como os habitantes representam a sua própria vida social. Um exemplo nos fará perceber facilmente a diferença entre esses dois domínios. Para o homem da vila, a estratificação social está francamente concluída: não há mistura de raças, casamento entre funcionários, proprietários rurais e trabalhadores; a vila vê-se a si própria através de linhas definidas, de uma estrutura tradicional, de uma constituição definitiva. Mas a observação objetiva prova, às vezes, o contrário: uma classificação dos trabalhadores pelo casamento e, assim, os factos estão em oposição às representações coletivas dos habitantes que não vêem as realidades sociais tais como são no momento, mas como foram há alguns anos ou como eles desejariam que elas fossem.

Uma sociologia completa da vila deve fornecer ao mesmo tempo a descrição exata dos factos sociais, tais como eles se apresentam ao pesquisador e a representação que ela faz de sua própria realidade. A sociologia do sábio e a do homem da vila. Para o estabelecimento daquela é necessário organizar fichas especiais, com a fotografia das pessoas interrogadas e toda uma série de informações contendo a idade, o sexo, a profissão, o grau de instrução, pois os documentos não podem ser utilizados tais quais: eles requerem estudos e interpretações. Ademais, é preciso que o pesquisador não se satisfaça com estabelecer os quesitos, ele deve conversar com o seu

interlocutor, a fim de dar mais espontaneidade e sinceridade às respostas e toda a conversação deve ser escrupulosamente taquígrafada, a fim de conservar inteira fidelidade. Infelizmente, a animação da palestra pode nos afastar do objeto do nosso estudo. Por isso mesmo deve ser obrigatório seguir um questionário antecipadamente preparado. Assim, não somente nos manteremos dentro dos limites do assunto, mas, ainda, obtemos, para uma mesma questão, múltiplas respostas, segundo as pessoas interrogadas, que se podem em seguida classificar por categorias sociais e interpretar do ponto de vista estatístico.

Não podemos evidentemente seguir em todos os seus pormenores a técnica de pesquisas do Dr. Gusti. Este aproveitou-se de todos os progressos realizados durante esses últimos anos nos estudos estatísticos, folclóricos e etnográficos para beneficiar a sociologia. Dizemos, somente, a fim de mostrar o caráter prudente e o espírito científico do mestre que o pesquisador a seu ver, não deve esquecer duas coisas:

Primeiro, que nunca se observa um fato geral, o casamento aldeão, por exemplo, mas sim um casamento particular que se realiza tal dia, em tal vila, entre tais pessoas; tudo deve ser indicado, até os mais insignificantes pormenores, porque nunca se sabe se tal fato que, à primeira vista, pôde parecer insignificante, não se revelará como importante numa análise ulterior.

Em segundo lugar, que a descrição escrita deve ser acompanhada de desenhos, representações cartográficas, fotografias e, se possível, cinematografadas com registro sonoro.

No que se refere à técnica, os conselhos de Gusti e de seus assistentes são sensatos. Mas, não é, no entanto, nesse domínio que podemos julgar da novidade e do interesse do método.

Mais importante para nós é saber que o estudo monográfico não é somente metódico, mas também sistemático. Ele nada deve desprezar da realidade social; por isso mesmo se faz segundo um plano determinado.

Os fatos sociais com efeito são localizados no espaço e no tempo. É preciso começar por situá-los num duplo plano: geográfico e histórico. O sociólogo deve principiar por obter ou, se não, por estabelecer um mapa da região, vários mapas mesmo: físico para observar as relações entre a natureza e a cultura; cadastral para o estudo da propriedade, da fauna, e da flora, de-

vido a importância que representam a planta e o animal, tanto na medicina popular como na decoração da louça rural, etc. Mas não é suficiente levantar os mapas. É necessário estudar o lugar, a posição no espaço, num recanto do solo, de uma certa estrutura social; ao mesmo tempo que a geografia das comunicações nos ajudará a compreender melhor os caminhos das influências externas.

Antes de passar do local para a sociedade dos homens que nele vivem, é preciso conhecer esses homens e o seu número. É o plano biológico. Situação da população, sua densidade, sua distribuição segundo o sexo, a idade, a categoria social, o número total das famílias e igualmente sua classificação segundo o número de crianças, a classe, a riqueza, a religião, a procedência das famílias. Os movimentos da população, ao menos durante um espaço de trinta anos, a natalidade, legítima e ilegítima, a nupcialidade, o concubinato e o divórcio, as migrações, periódicas ou permanentes, enfim, o estado sanitário da vila, eis algumas das questões que o sociólogo deve ventilar e tratar com carinho.

Mas a situação atual da vila não depende somente da sua localização física e de seu estado demográfico; ela depende também dos seus antecedentes históricos, da sua tradição que continua a influir na vida dos habitantes. Daí o terceiro plano de estudos: o histórico. Torna-se necessário delinear a série evolutiva do objeto em que trabalha, com a ajuda dos arquivos, sejam públicos ou particulares, ou, então, quando os documentos são insuficientes (como acontece com bastante frequência na Romênia) com a ajuda da tradição oral.

O último plano da explicação é o psicológico. Não se trata mais de explicar os fenômenos sociais, pelos fenômenos passados, mas por outro, sempre presente, a saber: a mentalidade dos homens do grupo. É essa a parte mais difícil do trabalho do pesquisador, porque é preciso conhecer não a psicologia individual e sim a psicologia coletiva que, por sua vez, é função das condições econômicas, políticas, jurídicas em que vivem os homens. Mas se a tarefa é difícil, nem por isso deixa de ser tão importante quanto as outras. Elas nos mostram como os indivíduos atualizam os valores sociais, isto é, os refletem, os transformam através dos seus temperamentos, os adaptam aos seus próprios pensamentos. Ela nos revela assim o duplo processo psicossocial da interiorização dos dados tradicionais, em alguns, da sua libertação, de emancipação da consciência individual, duplo processo que somente nos pode fazer compreender porque e como a sociedade vive e progride.

Situada dessa maneira nos seus quatro planos explicativos: geográfico, biológico, histórico e psicológico, deve então o sociólogo aplicar-se no exame das manifestações.

Passemos agora a descrever e analisar essas manifestações. São de quatro espécies: econômicas, culturais, jurídicas e políticas. Eis aqui, aliás, como o Dr. Gusti é levado a classificá-las: "A unidade social nunca aparece na sua essência, na vontade social, mas ela se desenvolve fenomenologicamente numa multidão de atividades ou de manifestações. Logo, o estudo sociológico, que pretende ser uma ciência das realidades, não procura diretamente a vontade social, mas as manifestações da própria vida, tais como as manifestações econômicas, jurídicas, etc".

"Para que uma unidade social possa formar uma realidade perfeita, ela deve poder satisfazer, de um lado, as necessidades fundamentais dos indivíduos que a compõem, isto é, as necessidades que derivam da natureza mesmo dos homens, e de outro, as necessidades nascidas da própria associação, isto é, as que derivam da natureza da sociedade. . . Da natureza humana psicofísica, no seu sentido de estrutura biopsicológica, resultam duas necessidades fundamentais: as necessidades materiais e as necessidades espirituais, que são por consequência necessárias a toda a sociedade, dois gêneros de manifestações: econômicas e espirituais. Incluímos nas manifestações espirituais as manifestações religiosas, artísticas e científicas. Essas manifestações não podem coexistir e se desenvolver, elas não podem por conseguinte ser manifestações de uma unidade social senão quando se acham regulamentadas e organizadas. É daí que derivam duas outras manifestações sociais, que decorrem desta vez da natureza da sociedade, isto é, da necessidade de coexistência: as manifestações ético-jurídicas e as manifestações político-administrativas. As manifestações econômicas e espirituais são de natureza substancial no sentido em que elas constituem a própria vida social. As manifestações ético-jurídicas e político-administrativas são de natureza formal ou reguladora, no sentido em que regularam e organizaram as precedentes".

Vê-se assim que o sociólogo não esquece nenhum dos aspectos da vida da vila, desde a maneira de trabalhar e o regime alimentar até as predileções do gosto, a sabedoria popular; desde a maneira de vender e de comprar até as rodas infantis e a sociologia do funcionário. A técnica das pesquisas, em cada uma dessas manifestações e de suas subdivisões, é excessivamente minuciosa, para que possamos dar uma idéia dela nesse

artigo. Registraremos somente que é preciso não esquecer que tudo é unido a tudo e seja qual for o fenômeno social que estudamos, devemos considerá-lo em função da totalidade das manifestações sociais, da sociedade no seu todo. É preciso uma regra de extrema importância, porque por ela se distinguirá a descrição sociológica da descrição etnológica ou folclórica.

Mas um estudo semelhante, abarcando a vida da vila em toda a sua riqueza e toda a sua diversidade parece constituir uma responsabilidade bem pesada para os ombros de um só homem. Agora, ao que nos parece, chegamos ao ponto que deve interessar mais os sociólogos brasileiros: o caráter coletivo da pesquisa.

A realidade social é muito complexa para que se possam recusar especialistas. Estes, ao contrário, são absolutamente indispensáveis. Mas, trabalhando cada especialista isoladamente, surgem novas dificuldades, torna-se inevitável uma visão parcial e apaixonada dos fatos. É preciso, portanto, que os especialistas se reúnam, comparem os seus pontos de vista, discutam os dados encontrados. Assim cada um reciprocamente controla, verifica e completa o seu vizinho. Sem esquecer que há nessa forma de trabalho um possante estimulante, que anima o esforço e a originalidade.

Uma certa vila é escolhida, cada ano; entenda-se bem, essa escolha não é feita ao acaso e há necessidade de um rápido inquérito preliminar. O estudo monográfico da vila se fará durante as férias escolares: durará de um a dois meses e reunirá cinquenta a oitenta pesquisadores de todas as especialidades.

Esses pesquisadores são distribuídos em grupos de trabalho. O primeiro grupo, encarregado do estudo do meio geográfico, compreende geólogos, geógrafos especializados em geografia física, humana, agrícola; naturalistas, botânicos e cartógrafos. O segundo grupo, encarregado do meio biológico, compõe-se de demógrafos, antropólogos para as pesquisas de antropologia física, estatísticos, higienistas e médicos.

O terceiro grupo, o do meio histórico, compreende naturalmente arquivistas e historiadores. O quarto grupo, menos nitidamente especializado, se ocupa da vida espiritual.

O quinto grupo é composto de economistas, de engenheiros agrônomos, cujo número e especialização variam segundo a região examinada. O sexto grupo é constituído de artistas, de desenhistas e músicos, de folcloristas, de professores, de fotó-

grafos, de cinematografistas etc., ele observa com efeito as diversas manifestações da vida espiritual, como a arte, a religião, a ciência popular, a vida moral. O sétimo grupo, composto de juristas, mas também de folcloristas, por causa dos costumes locais, se encarrega das manifestações jurídicas, enquanto o oitavo grupo trabalha com os problemas administrativos e políticos. Enfim, além desses oito grupos, cuidando os quatro primeiro dos planos e os outros quatro das manifestações, há um nono e último grupo, composto, unicamente, de sociólogos e encarregado de estudar as relações sociais, os processos sociais e as tendências da evolução rural.

Mas o trabalho em grupo, para mostrar-se eficaz, deve ser muito severamente organizado. Eis como ele o é na Romênia.

Cada grupo se prepara durante o ano escolar; ele é constituído na realidade com bastante antecedência para poder fazer, antes da expedição, as leituras necessárias, as pesquisas preliminares, e sobretudo trocar uma correspondência útil com os administradores da vila que vai estudar.

Cada grupo é responsável pelo seu trabalho. Ele próprio elabora o seu plano de pesquisas, segue-o ou o modifica segundo as circunstâncias, nomeia um secretário que redige o "diário de bordo", anota as discussões entre os membros, porque, se cada membro pode trabalhar sozinho durante a jornada, ele deve toda a tarde dar o resultado da sua pesquisa ao grupo, a fim de que se possa estabelecer a indispensável coordenação de todos os esforços individuais. Essa coordenação não apresenta grandes dificuldades porque a vila está dividida em um certo número de secções e cada grupo é encarregado de uma secção diferente, no que se refere, bem entendido, à sua especialidade.

Todo grupo compreende, além de seus especialistas, um ou vários membros de uma outra especialidade por causa da estreita conexão que liga os fenômenos sociais entre si, que servem, outro tanto, de agentes de ligação entre os diversos grupos. Por exemplo, o grupo das manifestações econômicas compreende um membro do grupo das manifestações espirituais; o grupo jurídico tem também um médico por causa do estudo que deve fazer da criminalidade aldeã. O estudo da família não se pode mais fazer sem a intervenção de um higienista, como o da propriedade sem a ajuda de um jurista. São esses agentes de ligação que darão melhor imagem da unidade social da vila.

Há, enfim, uma sala comum, onde todos os documentos são depositados; onde cada um pode se julgar útil para suas ulteriores pesquisas, consultá-los; onde os diversos grupos po-

dem se reunir para discussões; onde o diretor geral se encontra para dar os conselhos técnicos necessários para zelar pela união do trabalho e para controlar a vida científica e material da expedição.

Mas essa possante máquina não se move somente tendo por fim realizar uma simples pesquisa teórica, ela também tem em vista fins práticos e educativos. E é esse segundo aspecto das expedições do Dr. Gusti que é preciso indicar agora.

A Romênia vem se formando há um século somente e ela só terminou de realizar a sua unidade nacional com o tratado de Trianon. Mas, como acontece freqüentemente nos Balkans, que são um lugar de passagem e, por conseqüência, de combustão de raças, ela só pode realizar a sua unidade incorporando ao mesmo tempo um certo número de minorias étnicas. Também várias de suas províncias são cobiçadas por seus vizinhos e qualquer revolução interna facilmente acarretará toda uma série de complicações diplomáticas, de que podem resultar a guerra estrangeira e o desmembramento do território nacional. É preciso, pois, evitar a todo preço os descontentamentos populares, o ódio dos partidos políticos, a própria formação de alguns como o nacional-socialismo e o bolchevismo, a luta de classes, enfim tudo o que possa provocar indiretamente a invasão estrangeira e o desaparecimento do Estado. Os sociólogos contribuem com a sua quota-parte para essa tarefa de pacificação, de união, com:

- 1) o estudo de certas moléstias civis que, feito cientificamente, sugere imediatamente um certo número de reformas que os políticos certamente realizam. O Dr. Gusti foi ministro de Estado e fez assim passar do plano da observação ao da realização o fruto de sua experiência sociológica.

- 2) a educação dos centros rurais, e daí, a elevação geral do nível de vida das classes inferiores da população.

Com efeito, durante o mês ou meses que dura o trabalho, os higienistas dão conselhos às famílias, os médicos fazem conferências populares; as causas de um mau estado sanitário são pesquisadas e em seguida combatidas. Os economistas aproveitam para organizar cooperativas, os engenheiros agrônomos para melhorar as culturas, sugerir iniciativas felizes. Mas não se limitam ao terreno material. Os estudantes realizam sessões cinematográficas, representações teatrais, concertos, etc., constituem até como que uma Universidade camponesa e divulgam o livro para as noites de inverno.

O que há interessante aqui, é como se vê o caráter maciço dessa propaganda cultural que não esquece nenhum domí-

nio. E quando a expedição se despede, há qualquer coisa de novo por onde ela passou. Não foi impunemente que a doença e o vício foram combatidos, que durante várias semanas se viveu uma vida mais alta e mais emocionante; a vila não cairá mais no nível anterior; ela se elevará a um nível de vida melhor.

Por isso é que o Dr. Gusti pode dizer que a monografia era também um método educativo. Ela o é ainda agora, de um outro ponto de vista, cívico, pode-se dizer. Colocando em contato amigável o intelectual e o agricultor, fazendo com que as realidades terrenas sejam apalpadas pelos estudantes, a monografia assim concebida aproxima as classes sociais, dá o sentido do real àqueles que formarão amanhã as classes dirigentes do país, revelam ao burguês o que é o trabalho e por vezes a miséria dos homens.

Não subsiste somente desses estudos esse vinco moral nos espíritos que a eles se dedicaram; restam, igualmente, traços materiais, graças à constituição de um museu sociológico. Existem, há muito tempo, museus etnográficos, folclóricos; porém, sente-se cada vez mais a necessidade de síntese; é a essa necessidade que respondeu em França, sob a orientação do Dr. Rivet, a transformação do antigo Museu do Trocadero em Museu do Homem. Na Romênia, essa necessidade sugeriu o estabelecimento do museu sociológico, constituído segundo o plano regional.

Por exemplo, para uma vila, o plano geográfico é representado por mapas, coleções de minerais, de plantas e de animais. O plano biológico por quadros estatísticos, instrumentos de cirurgia popular, objetos de magia medicinal. O plano histórico por velhas gravuras e fotografias modernas mostrando as transformações sucessivas da localidade. As manifestações culturais pelas artes plásticas, instrumentos musicais, objetos rituais da magia, instrumentos agrícolas ou de artesanato, etc. O que distingue esse museu é que os objetos raros ou caros são eliminados; é preciso mostrar os objetos usuais, somente aqueles que são representativos da vida social.

O Brasil é também um país agrícola, mas o que o caracteriza é que a sua evolução não se fez no sentido da multiplicação de vilas. Há um fato que tem surpreendido a quase todos os viajantes, sobretudo aos da época colonial: é a importância primordial da fazenda, com a sua senzala, seus agregados, sua autonomia econômica e os mascates, vindos de cidades o mais

das vezes inexistentes. Eis que uma sociologia aldeã deveria aqui ser substituída por uma sociologia das zonas rurais. Mas, assim, modificados, os métodos monográficos romenos deixariam de prestar benefícios?

Parece-me que não é essa a razão que me conduz a escrever esse artigo. Esse método permitiria ligar mais estreitamente a sociologia brasileira às realidades nacionais. Ele quebraria os compartimentos estanques entre as diversas faculdades, permitiria reunir numa colaboração fecunda as Faculdades de Direito e de Medicina, o Instituto de Higiene e as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, os Institutos Biológicos e Agrônômicos, a Escola Livre de Sociologia e Política e o Departamento de Cultura, misturaria os estudantes, fazendo-os cooperar no progresso da ciência e na grandeza da pátria. Se é verdade, como escreve Pedro Calmon, que o Brasil não é constituído por uma superposição de camadas sociais, mas, sim, por uma justaposição de épocas históricas, do litoral dos arranha-céus à sociedade imperial do interior e até do sertão colonial, ela realizaria, pela sua parte educativa, sem destruir o encanto estético das diferenciações necessárias, um mais rápido progresso no equipamento econômico e cultural de certas partes do vasto território. Há, em todo o caso, na obra do Dr. Gusti, um certo número de sugestões que interessam a todos os países da Europa e da América, e que talvez o Brasil encontre utilidade em adotar a sua própria realidade. É, ao menos, o que pensam alguns dos meus alunos que me instigaram a escrever essas linhas.